



## GT 57. Migrações e Deslocamentos

### Coordenador(es):

Natália Corazza Padovani (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Angela Mercedes Facundo Navia (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Este GT, proposto no âmbito do Comitê Migrações e Deslocamentos da ABA, visa reunir trabalhos que reflitam sobre diferentes “regimes de mobilidades”. Migrações e deslocamentos são objeto de processos de diferenciação vinculados a assimetrias e “localizações sociais”. Categorias como “permanência e mobilidade” são tensionadas nos processos de governamentalidade voltados para quais sujeitos e populações podem/devem permanecer e/ou mover-se. Exílios, expulsões e deslocamentos forçados são contrastados com imaginários sobre turismo e cosmopolitismo. Migrações e deslocamentos, assim, podem ser analisados frente ao modo como “viagens” e “refúgios”, por exemplo, diferenciam pessoas frente a categorizações de raça, gênero, sexualidade, classe, nacionalidade, geração, entre outras, as quais enredam práticas e normativas de segurança e proteção dos territórios e estados nacionais. Nos interessam trabalhos que examinem a produção de mobilidade/imobilidade, circulação/contenção, legalidade/ilegalidade; e/ou processos de subjetivação e a incidência de marcadores sociais na delimitação de fronteiras territoriais e sociais. A intenção é abranger pesquisas realizadas a partir de temas voltados para as várias formas de deslocamentos e “regimes de mobilidades” através de fronteiras, que podem ou não ser transnacionais. Consideramos que o deslocamento entre fronteiras das cidades, bem como urbanas, ou “rurais e urbanas”, podem trazer elementos etnográficos e analíticos ao debate proposto.

### Quem não tem caneta vai para onde?

**Autoria:** Luana Braga Batista (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Este artigo é fruto das discussões realizadas na disciplina de Antropologia dos Campesinatos no Brasil que ocorreu no Museu Nacional- UFRJ, no segundo semestre de 2019, ministrada pelos professores John Cunha Comerford e Dibe Ayoub, com colaborações de Luzimar Pereira (UFJF) e Carmen Andriolli (CPDA UFRRJ). Proponho fazer uma reflexão sobre o conceito de migração dentro do universo camponês, no qual pesquisei e possuo diálogo com a dissertação de mestrado, cujo meu principal interlocutor (Durreis) relata ter feito várias viagens e participado de momentos importantes da história do Brasil. O objetivo deste work é debruçar sobre a questão da migração e/ou deslocamentos para compreender se migra, por que migra? Quando se torna um migrante? E como essa discussão foi travada, pensando o êxodo rural e um possível fim do campesinato brasileiro que não aconteceu. Durante o campo, conheci algumas pessoas que saíram de estados do Sudeste e foram para Bahia, as quais não se consideravam migrantes, tratando-se de uma palavra dissonante de seu vocabulário. Diziam “Eu vim pra cá estudar?” ou “Consegui uma boa oferta de emprego, gosto do clima e do povo daqui, resolvi ficar?”, Durreis, assim como essas pessoas, todas as vezes que saiu da Bahia para outros estados, como Goiás, Brasília e São Paulo, diz não ser migrante. Precisou sair várias vezes da Bahia, primeiro para casar, depois para conseguir a terra e, mais adiante, para conseguir recursos para a produção da terra, considerando-se a si próprio como um peão de trecho, mas nunca como um migrante. Em uma de nossas entrevistas o questiono se ele se via como um migrante nessas andanças e me responde que não, diz que sempre foi baiano e nunca um migrante. Por esse motivo e outros é que busco descrever esses processos para elucidar como eles são construídos para além do senso comum que a ciências sociais construiu em torno da migração. Pensando o conceito de modo diferente do qual ele é apresentado dentro da sociologia e da economia, a partir da crítica a migração feita por Palmeira e Almeida (1977), problematizando o que o conceito traz junto, para assim poder pensar chegadas, partidas, direções, deslocamentos e corpos no trecho.



Produzindo assim, análises diferentes do modo realizado por Woortmann (2009). O autor não pensa o camponês em oposição à migração. O que se ganha utilizando a tipologia quando os próprios nativos não se reconhecem como migrantes? O uso da migração como reprodução do campesinato empobrece a obra do autor. Destarte, é preciso pensar essas relações de movimentos para além de fenômenos dados como migração. Deve-se compreender o que está além, atravessando ao mesmo tempo que construindo essas mobilidades.

[Trabalho completo](#)



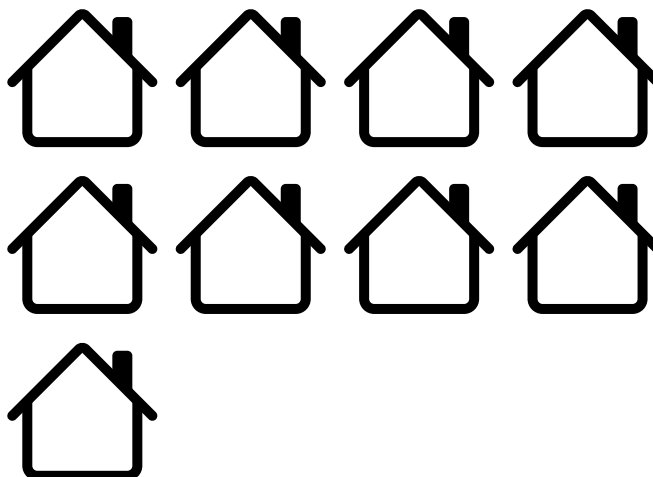
## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: